

## Resenha

# A narrativa jornalística: elementos para uma teoria do acontecimento

Cristiano Anuniação - [crisanun@gmail.com](mailto:crisanun@gmail.com)

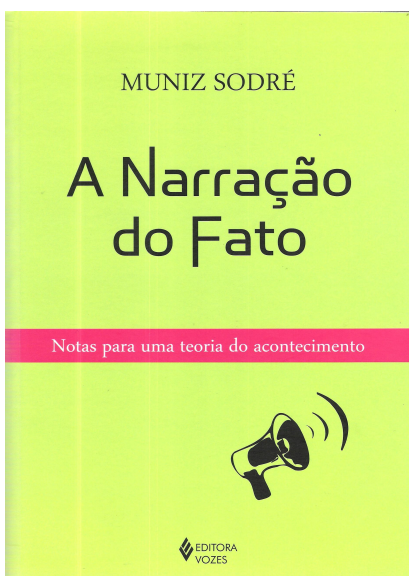
UFSC

Jornalista e mestrando no POSJOR/UFSC.

Bolsista CAPES, integrante do Laboratório de Pesquisa Aplicada em Jornalismo Digital (LAPJOR)

Artigo recebido em 08/09/2011

Aprovado em 01/10/2011



"Se um cachorro morde um homem, não é notícia, mas, se um homem morde um cachorro, é notícia". A célebre frase do jornalista estadunidense Amus Cummings, ex-editor do *The New York Sun*, demarca o início da discussão que busca explicar por meio do senso comum o conceito de notícia. Muniz Sodré destaca que a referida definição – baseada no paradigma do cachorro – não é teoricamente suficiente, e reconhece que este é um conceito "consensualmente difícil".

Deste modo, o autor problematiza três conceitos: *fato*, *acontecimento* e *notícia*. Para entender

o primeiro deles, busca-se fundamentação na filosofia kantiana, na qual o *fato* é o objeto cuja realidade pode ser provada. Por conseguinte, o *acontecimento* é que dá sentido às coisas, o que ocorre por meio da informação – que traz um conjunto de regras e convenções discursivas, como enredo e enquadramento. Os jornalistas não são os únicos a transformarem um fato em acontecimento midiático. O público pode desempenhar esta função nas sociedades midiaticizadas contemporâneas.

Sodré discorda da categorização de singularidade do fato constituída por Adelmo Genro Filho, afirmando que não se trata de um mero singular e sim de “singularização”, uma vez que a *notícia* se configura como uma construção do singular. Parte-se do “fato bruto” para transformá-lo em “acontecimento” por meio da interpretação que implica a “notícia”. De acordo com tempos e modos de ocorrência, as notícias podem ser classificadas como previstas (são anunciadas com antecedência), imprevistas (têm caráter inesperado) e mistas (reúnem o previsto e o imprevisto).

O verdadeiro traço comum aos acontecimentos que se constituem notícia é a marcação do fato, que determina, através de um sinal ou índice, o que a marcação jornalística identifica como valor-notícia (novidade, relevância, proximidade, etc.). A *pontuação rítmica* é outro traço comum dos acontecimentos e está relacionada ao fator tempo dos fatos cotidianos. O ritmo é regulado em função do modo de produção e da organização social vigente. No jornalismo especificamente, o *acontecimento* se configura como *o aspecto temporal do fato social* cuja pontuação rítmica é um desdobramento operativo da periodização.

Com a internet, o público receptor das mensagens midiáticas passa também a pautar os acontecimentos. A participação ativa do usuário – que se redefina como mídia individualizada – se torna um fato incontestável, o que muda, conseqüentemente, a experiência habitual do tempo, reconfigurando-o, dando lugar à simultaneidade e à hibridização. No entanto, o jornalismo digital ainda não explorou todo o potencial dos usuários no que diz respeito à participação no processo produtivo da informação e, além

disso, mostra-se sensivelmente deficiente no aprofundamento da informação.

O autor constata que ao converterem o jornalismo impresso em mídia eletrônica, os conglomerados midiáticos visam uma maior inserção no espaço público em detrimento de valores como ética, objetividade e verdade. A mídia se coloca numa lógica cada vez mais voltada para o consumo, afastando-se da prática informativa, capaz de influenciar a agenda pública como despontou nos séculos XVIII e XIX. Cauteloso, Sodré afirma que ainda é cedo para fazer uma avaliação sobre o uso das novas tecnologias digitais, mas que o desenvolvimento da internet traz, em princípio, novas perspectivas para a liberdade de expressão.

Na fronteira entre jornalismo e literatura, o autor relata o pensamento do escritor Antônio Olinto, que classificava o jornalismo como gênero literário. Traz também autores de diversos países do mundo que também partilham dessa opinião, como os ingleses T.S. Elliot e Bernard Shaw, além do escritor estadunidense Truman Capote. Nesse sentido, a literalização do texto jornalístico – movimento que ficou conhecido como *New Journalism* – ganhou força a partir dos anos 1950, mas, antes disso, já em 1917, Hemingway mesclava os estilos da narrativa no *Kansas City Star*.

Consequentemente apresenta as distinções entre jornalismo e literatura como gêneros discursivos: a notícia tem valor de realidade, ao contrário da literatura; o texto jornalístico passa pela dominância retórica, o que o distingue do texto literário. Enquanto que o ponto em comum é justamente o *texto narrativo*. Além disso, percebe-se a mistura de imaginário e real, a qual sempre esteve na imprensa – receita do que se conhece como “sensacionalismo”.

O autor relata ainda a crítica acadêmica sobre a literatura policial, caracterizada como sublitteratura. O gênero tem a pretensão de prender a atenção do leitor, divertir, com produção voltada à escala “industrial” – o que demonstra aproximações entre jornalismo e narrativa policial, assim como entre o repórter investigativo e o detetive particular (ambos fazem descobertas por iniciativa própria). Destaca também que a

estrutura folhetinesca está dentro da evolução estilística do romance policial com o uso de herói, mito, retórica e informação jornalística.

Por buscar a sua especificidade no imaginário de conteúdos fabulativos (pura narratividade), o gênero policial-detetivesco tem forte afinidade com as formas expressivas audiovisuais (cinema e televisão), o que faz do folhetinesco uma ficção propriamente comunicacional, com propriedades *transmidiáticas* (adaptável a diferentes suportes). Por estabelecer um apelo direto ao imaginário coletivo, o autor ressalta que o folhetinista (ao contrário do romancista) visa não o sentido da língua, mas os sentidos corporais ou a experiência sinestésica do leitor.

Com efeito, a discussão entre o “sério” e o “divertido” dos textos literários é relativizada por Sodré. Para ele, as narrativas folhetinescas trabalham como uma *literatura de mediação*, mantendo o gosto pela leitura – tanto das formas escritas quanto de sua tradução em linguagens audiovisuais. Assim sendo, cabe ao jornalismo cultural desfazer o preconceito que a academia literária tem sobre o romance policial.

## Referência bibliográfica

CABRAL, Muniz Sodré de Araújo. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

Este artigo e todo o conteúdo da **Estudos em Jornalismo e Mídia** estão disponíveis em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/index>

**Estudos em Jornalismo e Mídia** está sob a [Licença Creative Commons](#)